

Caleidoscópio torturante: João do Rio e a modulação da infância nas ruas cariocas no início do século XX

Torturous kaleidoscope: João do Rio and the modulation of childhood on the streets of Rio de Janeiro in the early 20th century

Karen de Oliveira Miranda Onofre
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

mirandakren@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0003-1125-9317>

RESUMO

O presente artigo busca analisar como a literatura de João do Rio representava as nuances da infância das ruas cariocas do início do século XX de modo a retratar a vida desses sujeitos e também problematizar a visão da classe abastada sob essas crianças. Com o objetivo de equiparar o Rio de Janeiro às grandes cidades do mundo, os governantes da época apresentaram um projeto de reforma urbana que buscava modernizar e, conseqüentemente, civilizar a cidade. Com isso, as reformas seguiram os padrões europeus da época, em específico, à moda francesa. Contudo, a cidade abrigava uma população que não era condizente com o modo estilo de vida que se tentava instaurar. Diante disso, o governo realizou diversas medidas com o intuito de “educar” esses indivíduos para que se adequassem ao projeto de modernização. Quando se verificava a não adesão aos novos costumes, o governo reprimia e marginalizava, obrigando-os a se realocarem e reconfigurarem nas zonas periféricas da cidade. Em meio a essa população encontravam-se meninos e meninas pobres, em sua maioria pretos, que buscavam em todos os tipos de via uma forma de sobreviver.

Palavras-chave: Infância; João do Rio; Rio de Janeiro; Cidade; Modernidade.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze how João do Rio’s literature represented the nuances of the childhood of the streets of Rio de Janeiro in the early 20th century in order to portray the life of these subjects and also to problematize the view of the affluent class on these children. In order to equate Rio de Janeiro with the major cities of the world, the rulers of the time presented an urban reform project aimed at modernizing and, consequently, civilizing the city. Thus, reforms were executed according to the European standards of the time, specifically in the French style. However, the city housed a population that was inconsistent with the lifestyle that was being attempted to establish. In light of this, the

government implemented various measures intended to “educate” these individuals so that they would conform to the modernization project. When non-adherence to the new customs was noted, the government repressed and marginalized them, forcing them to relocate and reconfigure themselves in the city’s peripheral zones. Among this population were poor boys and girls, mostly black, who sought in all types of ways a way to survive.

Keywords: Childhood; João do Rio; Rio de Janeiro; City; Modernity.

INTRODUÇÃO

O início do século XX foi um período de grande movimentação na então capital do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro passava por grandes modificações estruturais, culturais e governamentais que tinham como objetivo uma modernização com parâmetros europeus de modo a equipá-la às grandes cidades do mundo.

O Rio de Janeiro não era considerado uma cidade capaz de albergar a capital do Brasil. Segundo opositores políticos de São Paulo, a urbe não apresentava a seriedade necessária no que diz respeito à responsabilidade política e a ordem, características que eram vistas como primordiais para o bom funcionamento de um sistema de governo. A cidade era motivo de zombaria e emergiam nos jornais diversas caricaturas, *charges* e artigos que questionavam sua competência em ser um local que fosse digno de ser o centro governamental de um país. Tais produções, além de gerarem inquietudes acerca do tema, ainda incitavam uma possível desqualificação diante da cidade de São Paulo. (Velloso, 2015, p. 31).

Diante desse cenário, os dirigentes da época buscaram meios de reconstruir a imagem do Rio de Janeiro: recriar a cidade para que ela pudesse representar a ordem e o progresso que o novo sistema de governo desejava implementar. Vale ressaltar que o Brasil acabara de passar por uma transação governamental: deixava de ser monarquia e passava a ser república. Além disso, havia a necessidade de uma reformulação estrutural do espaço urbano de modo a melhorar a higienização pública (redes de esgoto e água) e viabilizar a circulação de mercadorias (Azevedo, 2016, p. 24). Assim, deram-se início as grandes obras de transformação da arquitetura da parte central da urbe de maneira a civilizá-la, viabilizá-la e condicioná-la como uma cidade moderna.

A ideia principal era transformar o Rio de Janeiro em uma espécie de “Paris de Trópicos” (Molina, 2016), porque a capital francesa era o parâmetro de modernidade da

época. Para os governantes e para as classes dirigentes, a cidade tinha que passar por alterações que se baseavam nos modos europeus, cuja sociedade possuía características sociais, econômicas e culturais diferentes da população carioca. Sem contar que tais mudanças tinham como cerne o embranquecimento da sociedade do Rio de Janeiro sob o argumento de modernização e progresso. Não se estava propondo melhorias com base no próprio sistema social, mas sim com base em outro sistema, muito distante do que se via aqui.

É importante lembrar que o Rio de Janeiro abrigava sujeitos miscigenados de diversas culturas e costumes, os quais, em sua grande maioria pobres e pretos, eram considerados destoantes. Eram indivíduos cujas formas de ser e viver chocavam com aquilo que se desejava implementar. Desse modo, para que a cidade alcançasse o modelo de urbanização idealizado pela elite e pelo governo era preciso “reformular”¹ a população também no que dizia respeito às práticas e costumes populares vigentes. Os sujeitos cariocas tinham que se adaptar à nova imagem da cidade; logo, deveriam se mostrar civilizados e modernos, à moda francesa, condizentes ao epíteto da “Cidade Maravilhosa”.

Assim, um projeto de reeducação social, cujo parâmetro era a cultura e a moral europeia, seria implantado. Esse processo de educação foi verificado por diversas vias: visuais, através do exemplo dado pela elite; por meios legais, com a promulgação de normas legislativas; por recursos orientativos, com indicações médicas ou por medidas opressivas, através da violência exercida pelo Estado por meio da polícia. Vale ressaltar que a última via aqui citada nem sempre era a última a ser aplicada; na maioria das vezes era o primeiro recurso. Quando a polícia identificava a resistência de um sujeito a se condicionar, reprimia-o e marginalizava-o.

Os populares que viviam no centro da cidade foram expulsos² para as zonas periféricas. Contudo, esses sujeitos ainda trabalhavam nas áreas centrais e caminhavam por aquelas zonas que estavam em modificação. Só a existência e a circulação desses

¹ As práticas urbanas eram uma herança de uma cultura colonial. Havia a circulação de animais rurais de grande porte no centro da cidade, assim como, devido ao calor, pessoas que andavam sem camisa e/ou descalços. Também era possível verificar práticas de higiene pessoal dos imigrantes europeus que se apresentavam insalubres para uma cidade que se projetava a modernidade.

² Exemplo desse modelo de remanejamento violento é visto no desmonte do Morro do Castelo (1920-1922). A operação de desmonte do morro foi realizada sob o argumento de que tal região possuía uma questão higiênica periclitante. Os moradores foram instalados em barracos na Praça da Bandeira.

indivíduos já era uma forma de resistências, e, ao mesmo tempo, uma ameaça a esse processo modernizador que buscava apagar a herança cultural desse povo. Em meio a esse grupo de “destoantes” estavam crianças que buscavam, assim como os adultos, formas de resistir e sobreviver.

Dentro da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, havia meninos e meninas pobres que cresciam em meio a essas ruas que se transformavam. Essas crianças desde muito novas já eram a face daquilo que os dirigentes rejeitavam e desejavam apagar. O capitalismo avassalador que avançava em uma velocidade vertiginosa “roubava” a infância dessas crianças e as obrigava a se comportarem como adultos.

É nesse cenário que encontramos João do Rio, célebre cronista que circulava pelas ruas captando esse movimento de convulsão urbana, transformando tanto a rua quanto os sujeitos em personagens de suas crônicas. O tema emerge silenciosamente na obra de João do Rio e ganha protagonismo no momento que o cronista apresenta diversos matizes da questão. O autor expõe crianças que são consideradas desde um mero desconforto até um perigo social cristalizado, ou seja, sujeitos que eram considerados um risco não só físico, mas também moral, no que tange à modernização da então capital do Brasil.

Paulo Barreto nos apresenta meninos e meninas sujos, descalços, abandonados e negligenciados por um sistema de governo em reestruturação que pouco ou nada se preocupava com a sua integração. As crianças das ruas, pobres e majoritariamente negras, eram concebidas como uma representação da desordem a qual se mostrava incompatível com a imagem que se planejava implantar. Isso favoreceu a fragmentação social, marginalização e, conseqüentemente, a participação desses indivíduos de forma paralela, da maneira que podiam e conseguiam participar, isto é, da maneira que conseguiam sobreviver as mudanças dos modos e dos costumes da cidade assim como as demandas capitalistas sem morrer de fome.

Diante desse “Caleidoscópio torturante³” (Rio, 2012, p. 167), como o próprio autor classifica a situação infantil no início do século, é que este estudo busca, através da análise literária, problematizar a visão sob essas crianças que eram encontradas nas ruas e como, em certa medida, isso ainda se perpetua para os dias de hoje.

³ João do Rio utiliza o termo na crônica “Os que Começam...” – presente na coletânea *A alma encantadora das ruas*, publicada no ano de 1908 – para descrever as diversas faces da infância carioca no início do século XX.

A RUA E AS CRIANÇAS: UMA RELAÇÃO CÍCLICA DE CONSTRUÇÃO

João do Rio sempre apresentou uma literatura urbana que convergiria tudo o que acontecia nas ruas e na vida dos sujeitos. Para o cronista, os espaços urbanos influenciavam significativamente na construção dos indivíduos, que, por sua vez, eram responsáveis pela construção física e cultural da cidade. Tal ideia pode ser vista de maneira muito clara na crônica *A rua*⁴, na qual Paulo Barreto explicita essa relação de construção cíclica.

A crônica representa de maneira muito sensível os espaços urbanos do Rio de Janeiro. A cidade descrita através do olhar do cronista recebe uma perspectiva nova (a visão do literato) que é compartilhada com os seus leitores por meio de uma literatura que alega que “as ruas têm alma” (Rio, 2012, p. 25) e que essa alma está intrinsecamente ligada à vida dos sujeitos.

O percurso apresentado pelo cronista é uma caminhada que se inicia no interior do narrador com uma frase em primeira pessoa do singular: “eu amo a rua” (Rio, 2012, p. 19). Ao expor seus sentimentos pelo espaço, esse narrador atesta uma relação muito próxima com a cidade, que pode ser entendida como a musa da crônica em questão. Além disso, o narrador transporta esse sentimento aos leitores, aproximando-se deles, fazendo uso de um sentimento em comum, gerando empatia e identificação naqueles que o leem, afinal, ele alega que tal sentimento não só lhe pertence, mas é compartilhado e sentido por todos que percorrem as ruas da cidade.

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua (Rio, 2012, p. 19).

⁴ A crônica é originada de um discurso proferido por Paulo Barreto para uma conferência em homenagem à inauguração da Avenida Central, no ano de 1905. Posteriormente, foi incorporada como texto de abertura da coletânea *A alma encantadora das ruas*, publicada no ano de 1908.

Para o cronista, não resta dúvidas da existência da conexão entre os sujeitos e as ruas. O narrador sinaliza aos leitores que apesar de os tempos serem outros, de haver transformações físicas, sensoriais e culturais na cidade, a relação entre o espaço urbano e o cidadão é um legado que persiste por gerações, pois o sentimento que os une é um sentimento “imperturbável e indissolúvel” (Rio, 2012, p. 19).

Esse sentimento só se torna possível porque a rua – por essa perspectiva – é descrita como um fator da vida humana, isto é, a rua é muito mais do que um alinhado de construções civis, ela faz parte da vida dos sujeitos que a transitam. Essa visão do cronista nos remete aos estudos que seriam realizados décadas depois pelo argentino Néstor Garcia Canclini ao discutir a importância que os espaços urbanos têm na vida dos cidadãos.

Segundo Canclini (1997), os sujeitos criam um espaço mental e individual do que seriam as cidades, a partir do patrimônio histórico e visível existentes, ou seja, dos espaços tangíveis das urbes. Desse modo, a cidade não é um conjunto de edificações qualquer, mas sim um conjunto de edificações com valores e sentidos fixados no processo social, ou seja, os espaços são significativos para os indivíduos que constituem suas histórias nesses ambientes.

Por essa perspectiva é possível criar uma relação muito intensa entre a rua e o sujeito e a crônica supracitada representa tal relação quando o narrador a caracteriza de maneira visceral. Os espaços urbanos “nascem” como um ser humano e se tornam uma espécie de mãe para seus cidadãos. Os indivíduos passam a herdar características das ruas.

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas (Rio, 2012, p. 20).

Desse modo, os espaços constroem e moldam as características dos sujeitos e todos possuem esse conhecimento. Assim, “nas cidades grandes a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas” (Rio, 2012, p. 31). É com essa perspectiva que o cronista nos apresenta um tipo carioca muito específico: o garoto. Um sujeito que

apresenta certo nível de sagacidade, habilidade importante para a sobrevivência na cidade.

No trecho abaixo, o narrador tece diversas características para esse tipo urbano que chama de garoto e tem como “mãe” a rua. Esse indivíduo vive intrinsecamente os acontecimentos das ruas, possui agudeza de um ser místico, pois é caracterizado como gnomo⁵ e silfo⁶. Além disso, é ambíguo, pois possui alegria e tristeza, assim como ao mesmo tempo em que é ingênuo como uma criança e tem a sabedoria de um ancião. Essa ambiguidade perceptível no personagem de João do Rio se deve também ao anonimato, permitindo-lhe assumir diversas personalidades conforme as situações vividas nas ruas, conforme veremos mais adiante.

O garoto também é descrito como um necessitado, pois “pede como se fosse algo natural” (Rio, 2012, p. 34) e sofre todos os perigos da cidade. Em suma, vive a cidade como se fizesse parte dela e realmente o faz, afinal, é descrito como um de seus elementos a poeira. O narrador chega a fazer uma releitura da Bíblia no que tange à criação da humanidade, quando diz poeira d’ouro que se faz lama e torna a ser poeira⁷, referindo-se ao primeiro homem, segundo as crenças cristãs, que foi criado do barro.

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sabida e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d’ouro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto! (Rio, 2012, p. 21).

⁵ Os gnomos são seres de origem da mitologia pagã ligados à terra que compreendem e fazem bom proveito dos recursos locais. São caracterizados por serem engenhosos.

⁶ Os silfos são seres da mitologia germânica ligados ao ar. São descritos como seres sensíveis intelectualmente e nocivos.

⁷ Gênesis 3:19:

Com o suor do seu rosto
você comerá o seu pão,
até que volte à terra,
visto que dela foi tirado;
porque você é pó,
e ao pó voltará.

Contudo, vale ressaltar que a os mesmos espaços que “criam” sujeitos também rejeitam aqueles que não condizem com os ditos da rua. Na crônica, João do Rio relata como os próprios espaços vão se mostrar hostis aos sujeitos não pertencentes a eles: “as pedras são a couraça da rua, a resistência que elas apresentam ao novo transeunte” (Rio, 2012, p. 33). As ruas mostram como os indivíduos destoantes necessitam apresentar comportamentos específicos, por isso “os humildes limitam todo o seu mundo a rua onde moram” (Rio, 2012, p. 33). Tal consequência foi fruto do processo de modernização que marginalizou os cidadãos destoantes do centro da cidade, fazendo com que eles não se sentissem pertencentes.

Em suma, de acordo com o narrador de João do Rio, os sujeitos cariocas estabeleceriam uma relação visceral com as ruas, na qual construiriam os espaços físicos e seriam construídos por esses. As ruas se apresentavam como uma espécie de progenitora, que não só geravam os indivíduos, mas também os ensinaria a sobreviver. Contudo, essas mesmas ruas se apresentavam de maneira hostil aos sujeitos que não faziam parte da cultura criada no espaço.

Todo esse panorama se apresentava em um Rio de Janeiro em processo de transformação: além de aprender os ditos das ruas, os sujeitos deviam aprender as novas demandas da modernidade. Em outras palavras, havia uma série de questões a serem geridas pelos cariocas e a situação agravava quando se somava a ela o sistema capitalista que assolava a população e lhe obrigava a buscar os mais diversos meios de sobrevivência.

A infância surge na obra de Paulo Barreto de maneira sutil ao ser inserida como figurante em outros temas, mas ganha protagonismo quando o cronista direciona sua visão para a questão e evidencia que a construção desses sujeitos urbanos se verificava desde a infância. São apresentadas crianças que desenvolvem características de modo a resistir às mudanças impostas da maneira que podiam.

João do Rio, ao criar narradores dúbios, ora aparentemente compadecidos, ora com duras opiniões sobre o tema, representa as opiniões que circulavam na cidade, convidando seus leitores a refletirem sobre os assuntos. Ao narrar essas histórias, o autor mostrava aos cariocas de “bem” do início do século XX que tais crianças estavam visíveis e presentes em cada esquina e que “o pior cego era aquele que não queria ver” (Rio, 2012).

A infância, nesse contexto, era marcada por uma tensão entre a modernização da cidade e a exclusão social.

OS PEQUENOS INVISÍVEIS

Na coletânea *A alma encantadora das ruas* (1908), o garoto descrito pelo narrador da crônica *A rua* também aparece em outras histórias. Há três crônicas cuja infância se mostra de maneira tímida, quase que figurante: *Pequenas Profissões*, *Os tatuadores* e *Orações*. Paulo Barreto, nessas histórias, constrói personagens semelhantes ao “garoto” tanto no que tange à aparência quanto no que tange à classe social e as dificuldades vivenciadas.

Vale ressaltar que nas três crônicas supracitadas, o tema central não tem ligação direta com os meninos e as meninas que ganhavam a vida nas ruas; esses sujeitos aparecem inseridos na população pobre trabalhadora que apesar de exercer funções de caráter duvidoso, conforme é exposto pelos narradores, ainda assim não cometem crimes.

A crônica *Pequenas Profissões* percorre pelas profissões tidas por mais ínfimas da cidade dando um panorama de como a população pobre sobrevivia às novas demandas do capitalismo. O texto se inicia com uma negociação comercial entre um cigano e um catraieiro, na qual o cigano faz uso da eloquência para conseguir a venda alegando ter uma família com fome. A venda é concluída e a cena prossegue com a opinião do narrador, que considera o cigano um vigarista.

— Admiraste aquele negociante ambulante?

— Admirei um refinado “vigarista”.

— Oh! meu amigo, a moral é uma questão de ponto de vista. Aquele cigano faz parte de um exército de infelizes, a que as condições da vida ou do próprio temperamento, a fatalidade, enfim, arrasta muita gente... (Rio, 2012, p. 43).

Esse narrador está acompanhado de um amigo, chamado Eduardo, que traz para a conversa uma visão mais compreensiva da situação, relativizando a atuação do cigano a partir da perspectiva da vida miserável que esse possivelmente poderia ter. Eduardo traz um contraponto à visão desse narrador ao explicar a realidade da vida desses sujeitos. Em meio a esses profissionais informais, Eduardo revela que nessa vida miserável, meninos e meninas vão às ruas para conseguir meios de sobreviver.

Essa é uma característica bem marcante da obra de João do Rio: o uso de diálogos que expõem opiniões, geralmente contrárias, o que expõem muitas vezes a visão de uma sociedade preconceituosa por meio desses personagens. Tal dinâmica faz com que o leitor reflita enquanto lê.

Conforme visto anteriormente, a virada do século XIX para o XX trouxe muitas mudanças para os cidadãos, principalmente no que tange às relações de trabalho. Com a forte migração para as cidades e a tendências capitalistas cada vez mais difundidas, os sujeitos buscavam maneiras de sobreviver em uma cidade em transformação.

Os indivíduos das classes mais pobres desde muito cedo buscavam maneiras de resistir à miséria seja por meios legais ou ilegais. Desse modo, as famílias se viam com duas opções de rendimento: colocar as crianças para trabalhar em situações extenuantes ou fazê-las perambular pelas ruas em busca de sobrevivência por meio da mendicância ou do furto. Assim, nas ruas se encontravam inúmeras formas de se obter renda, desde trabalhos informais até mesmo ilegais.

A presença de mendigos na Avenida Central, apesar do decreto legislativo nº 403 de 14 de março de 1903, é um dos emblemas mais vistosos da convivência de dois tipos de realidade no coração da cidade. A imprensa faz sucessivas referências ao “espetáculo dos esfarrapados e aleijões”, que formaria, de acordo com um relatório da polícia do Distrito Federal, “um dos quadros mais desoladores que oferecem as nossas ruas” (Fabris, 2000, p. 46).

Quando paramos para pensar nessas crianças trabalhadoras e em uma vida explorada, paramos para refletir nos estudos de Giorgio Agamben (2005) sobre a experiência da infância como um momento de ruptura e possibilidade. Dentro do contexto de uma cidade que sofria transformações, essa experiência é alterada por elementos externos (com as demandas governamentais, o capitalismo, entre outros citados anteriormente), fazendo com que essas crianças perdessem o processo transitório da infância para vida adulta.

Além disso, para Agamben, a infância é o lugar onde a linguagem e a cultura ainda não se consolidaram, mas também onde a exclusão se faz presente. No Rio de Janeiro, as crianças das classes populares que eram vistas nas ruas em busca de sobrevivência estavam em um limiar social: elas eram parte da cidade, mas tinha o acesso à modernização negado justamente por serem pobres e “destoantes” na visão dos diligentes. Suas vidas eram marcadas pela necessidade e pela exclusão, o que as colocava à margem da ordem social e cultural.

O que João do Rio problematiza nessas crônicas é justamente como a sociedade olhava para essa parte de população de modo a ignorá-la e marginalizá-las. A seção, onde se encontra o texto dentro da coletânea, é intitulada como “O que se vê nas ruas”, mas aquela cena e a interação entre o catraieiro e o cigano não é vista. “[...] ninguém naquele perpétuo tumulto, ninguém no rumor do estômago da cidade, olhava sequer para o negócio desesperado de cigano.” (Rio, 2012, p. 43). Essa cena é descrita em um dos lugares mais movimentados da cidade, o porto, e mesmo assim, o “desespero” do cigano é invisibilizado pela sociedade.

Nesse grupo de pessoas pobres “invisíveis” que buscavam a sobrevivência se verificava a presença de crianças: “[...] um mundo de velhos desiludidos, de mulheres gastas, de garotos e de crianças, filhos de família, que saem, por ordem dos pais, com um saco às costas, para cavar a vida nas horas da limpeza das ruas.” (Rio, 2012, p. 45). Na crônica, o narrador evidencia o trabalho infantil como uma atividade comum da cidade.

Essa crônica chega a citar uma profissão que era exercida quase majoritariamente por menores de idade. A questão chama tanto a atenção de João do Rio que ele chega a escrever uma crônica somente sobre esse tema. Em *Os tatuadores*, o cronista coloca a questão infantil em maior evidência, apesar de ainda não ser o assunto central, e traz ponderações sobre a arte da tatuagem no Rio de Janeiro.

A obra começa com um diálogo entre um tatuador, um garoto de doze anos, e seu possível cliente negociando o preço do serviço que seria prestado. Após a cena, o narrador faz uma digressão na qual o tema é didaticamente explicado: João do Rio discorre nessa obra o preconceito em torno dessa prática que na época era associada à criminalidade e por tal razão recebia desconfiança por parte da sociedade. Ressalta-se que a tatuagem era verificada na classe pobre do Rio de Janeiro, o que poderia explicar tal visão desconfiada por parte dos dirigentes.

Como dito, o primeiro personagem que aparece é um menino de doze anos cujas roupas estão em situação precária. A criança se apresenta com os pés descalços e as mãos sujas. A imagem que o narrador passa desse menino nos faz refletir o quão periclitante era a situação do pobre no início do século XX e como tal descrição se assemelha com a atualidade, visto que os únicos elementos que não seriam encontrados facilmente no centro do Rio nos dias de hoje seriam “[...] três agulhas amarradas, um pé de cálix com fuligem [...]” (Rio, 2012, p. 51) na mão de uma criança.

Esse petiz tem as mesmas características do garoto descrito em *A rua*, o que mostra uma espécie de criação de um tipo infantil. Em outras palavras, o pequeno tatuador é sagaz e eloquente: aborda o cliente com propriedade, sabe como comovê-lo, como negociar valores, além de se mostrar ágil no serviço – o que nos leva a crer que essas crianças cresciam nas ruas aprendendo a sobreviver por meio da esperteza.

Houve um momento em que se discutiu o preço, e o petiz estava inflexível, quando vindo do quiosque da esquina um outro se acercou.

— Ó moço, faço eu; não escute embromações!

— Pagará o que quiser, moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço. O petiz tirou do bolso três agulhas amarradas, um pé de cálix com fuligem e começou o trabalho (Rio, 2012, p. 50).

A questão da infância em *Os tatuadores*, apesar de não central, emerge nos pequenos detalhes que o narrador entrega, tais como os descritos acima. João do Rio chama o leitor para a discussão sobre a tatuagem já na primeira linha com pergunta inicial: “– Quer marcar?” (RIO, 2012, p. 50) sem definir o interlocutor, *a priori*, o que nos leva pensar que a pergunta possa ser dirigida ao leitor. Esse convite é feito e logo depois o texto começa a descrição da cena. O mesmo recurso se repete em *Orações*, crônica subsequente, na qual também há uma pergunta, que dessa vez é direcionada ao vendedor de orações: “– Que está você a vender?” (Rio, 2012, p. 57).

O interlocutor de *Orações* é descrito como “[...] pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido [...]” (Rio, 2012, p. 57). Curiosamente, mas não ocasionalmente, o vendedor de orações que é encontrado em uma esquina da cidade em uma tarde chuvosa era uma criança. Mas esse garoto não era um jovem qualquer, era um menino pobre, magro, na chuva e descrito como um sujeito insignificante no mercado de orações. “Aquele menino magro, naquela esquina de rua, era um dos insignificantes agentes desse tremendo micróbio da alma” (idem).

Apesar de não individualizar a questão infantil na obra, a forma como o narrador descreve esse menino nos chama atenção, pois além de se assemelhar com os demais garotos descritos fisicamente, o vendedor de orações possui a mesma eloquência para vender o produto, pois consegue convencer o narrador, um homem adulto com instrução e conhecimento, a comprar uma oração. Mais uma vez vemos a sagacidade característica de quem é “criado” pelas ruas.

— Que está você a vender?

— Orações, sim senhor.

— Novas?

— Uma nova, sim — a oração dos nove.

Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o maço de orações, a sorrir.

— Mas, criatura, a oração dos nove foi desmoralizada!

— E agora é que se vende mais. Olhe, eu hoje vendi quatrocentos folhetos. Só de oração dos nove, trezentos e vinte cinco.

Eu acredito nos prodígios. É uma opinião individual, mas definitiva. Se a oração dos nove, depois de assustar toda a cidade e de incomodar o arcebispo, ainda continuava com um tão grande número de crentes, era porque tinha prodigiosas virtudes. Comprei a oração e estuguei o passo (Rio, 2012, p. 56).

Todas essas crianças faziam parte de uma população carioca que era ignorada tanto pela sociedade dirigente quanto pelo governo. Faziam parte de uma sociedade que nunca conseguiria alcançar os padrões estabelecidos pelos novos tempos. Eram considerados como seres inconvenientes capazes de manchar a imagem da cidade moderna. Os garotos narrados se fundiam à coletividade da miséria, como o próprio João do Rio os categorizou: eram um caleidoscópio da miséria, apresentam diversas nuances da pobreza.

O que vemos na breve análise conjunta dessas três crônicas são crianças que iam às ruas por necessidade, em busca do ganha-pão. Sujeitos em formação física e moral, deduzimos devido à idade, que se misturavam na massa de trabalhadores, pobres, miseráveis, “aproveitadores” e todo o tipo de indivíduo que se possa encontrar nas ruas do Rio de Janeiro no início do século XX. Aprendiam diversas maneiras de “performar” para não sucumbir à fome e à pobreza.

Contudo, vale ressaltar que apesar de possuírem características e necessidades em comum, essas crianças são avaliadas e sentenciadas pela sociedade de maneira distinta, dependendo do que se entendia moralmente como certo e errado. Essas perspectivas da sociedade economicamente dominante são expressas nas obras através do comportamento do narrador perante as situações.

Em *Pequenas Profissões* o narrador faz duras críticas ao comportamento dos trabalhadores informais – nos quais, conforme falado, se inclui crianças e jovens. O uso do adjetivo “vigarista” para caracterizar o cigano deixa bem claro a visão inicial daquele que relata a história. A perspectiva julgadora inicial do narrador é alterada e pode ser vista

na repetição da frase que Eduardo usa para justificar a ação do cigano: “a moral é uma questão de ponto de vista” (Rio, 2012, p. 49).

Já em *Os tatuadores*, o narrador se mostra curioso com o costume, afinal, declara que o tema é digno de estudo (Rio, 2012, p. 51). Ele também oscila em suas opiniões referentes à tatuagem, ora sendo recebida como “a exteriorização da alma” (Rio, 2012, p. 51), ora a associando com a criminalidade. Inclusive, esse narrador confessa que a análise que faz da tatuagem foi motivada pelo ambiente, entre outros fatores, no qual a arte se manifesta: nas ruas e nas prisões.

Esse julgamento explicitado nas crônicas está intrinsecamente ligado à ideia de infância da época. Esses menores que eram cada vez menos associados à infância e cada vez mais responsabilizados como adultos⁸ viveram em um período da história da Cidade Maravilhosa, em que permanecia uma forte cultura racista e escravocrata que via a população pobre e negra como uma população a ser higienizada tanto no que se refere à limpeza pessoal quanto à cultura e aos costumes.

A criança pobre, e majoritariamente preta, não era vista como tal. O processo modernizador via essas crianças como sujeitos destoantes do modelo de sociedade que o governo e as classes dirigentes desejavam ter. Sob a justificativa de “reeducar” e “recuperar” crianças e adolescentes que vagavam pelas ruas do país, criou-se as primeiras instituições para menores abandonados ou envolvidos com o crime. O principal objetivo do legislador era retirar de circulação aqueles que “atrapalhavam” a ordem social.

A questão se acentuava quando se verificava menores que de fato recorriam ao crime. Ao analisarmos as obras de João do Rio que relatam a infância das ruas, podemos dividi-las em dois grupos: crianças que trabalham e crianças que comentem crimes. Nas três crônicas supracitadas, vemos narradores que, em certa medida, se compadecem com esses menores. Acreditamos que é possível ver uma espécie de consideração em relação a essas crianças porque elas estão trabalhando, por mais que ainda atuem como esperteza, característica que podia ser considerada parte do labor.

⁸A legislação penal em vigor na época considerava maiores de 9 anos como criminosos caso cometessem crimes com discernimento. Somente no ano de 1927 é que se foi promulgar um Código que regulamentava as ações dos menores de 18 anos. Tal código também era popularmente conhecido como Código Mello Mattos.

Tal opinião ponderada pode ser associada como a valorização do trabalho, sentimento fomentado pelo capitalismo. Contudo, a situação muda de panorama quando nos deparamos com outras crônicas que de fato possuem como tema central a vida das crianças nas ruas da cidade do Rio de Janeiro e que relatam práticas infratoras.

MENINOS DO RIO: OS QUE COMEÇAM NO OFÍCIO TORPE

A hipótese descrita acima pode ser claramente vista quando analisamos as crônicas *As crianças que matam...* e *Os que começam*. Em ambas as crônicas, os narradores descreveram crianças que cometem delitos, que são conhecidos pela polícia e que estão nas ruas convivendo com o crime.

Em *As crianças que matam...*, há a presença de dois personagens principais: o narrador e Sertório de Azambuja, que conversam sobre o crime de assassinato praticado por crianças na cidade do Rio de Janeiro. O narrador é apresentado inicialmente como um sujeito sensível e problemático. A sua aparente preocupação é direcionada à perda da infância. Aqui relembramos mais uma vez os estudos de Giorgio Agamben (2005), citados acima, e a relação entre a modernidade e a perda da experiência.

Mas é assombrosa a proporção do crime nesta cidade, e principalmente do crime praticado por crianças! Estamos a precisar de uma liga para a proteção das crianças, como a imaginava o velho Julio Vallés...
– Que houve de mais? Indagou Sertorio de Azambuja, estirando-seno largo divã forrado de brocado cor d'ouro velho.
– Vê o jornal. Na Saúde, um bandido de treze anos acaba de assassinar um garotito de nove. É horrível! (Rio, 2009, p. 28).

No parágrafo inicial, o narrador cita o nome de Júlio Vallés,⁹ também conhecido como Jules Vallès, autor francês do século XIX que narrava sobre questões de violência na infância assim como a existência da infelicidade nesse período da vida. A relação entre a rua e a construção dessas crianças já passava pela literatura no século anterior. Ao citar Vallès, o cronista não só revela que essa preocupação com a criminalidade na infância é

⁹ Jules Vallès (1832–1885), escritor e revolucionário francês, é mais famoso por sua trilogia de romances autobiográficos: *L'Enfant (A Criança)*, *Le Bachelier (O Graduado)* e *L'Insurgé (O Insurgente)*. Através do alter ego de Vallès, Jacques Vingtras, os livros descrevem a infância difícil do escritor como filho de um professor abusador, sua rejeição de sua educação clássica e crescente admiração pela classe camponesa e, finalmente, sua vida boêmia em Paris como jornalista militante e panfletário.

antiga como também recorrente, pois ainda se faz presente no recorte de tempo em que o narrador relata, isto é, no início do século XX, assim como ainda é visto nos dias atuais.¹⁰

Nesse mesmo parágrafo, o narrador faz o papel de um sujeito que se impressiona com a notícia. Diz ser assombrosa a proporção do crime na cidade e principalmente do crime infantil (Rio, 2009, p. 28). Já Sertório de Azambuja se mostra indiferente à notícia seja pela recorrência com que acontece, seja por pensar que se tratava de um crime sem interesse.

Para o interlocutor da crônica, um crime só pode ser considerado interessante ou “um caso de genialidade” se o autor da infração possuir mais de dezesseis anos e ficar impune, o que não era o caso. O posicionamento de Sertório evidencia a indiferença com que a classe dominante tratava a morte de pessoas pobres e o narrador nos atenta para a frequência com a qual se cometia crimes na cidade e relevância de quem os cometia.

Notícias criminais protagonizadas por crianças e adolescentes eram corriqueiras na imprensa. Em julho de 1915, o jornal carioca *A Noite* noticiou: “O juiz da 4ª Vara Criminal condenou a um ano e sete meses de prisão um pivete de 12 anos de idade que penetrou na casa número 103 da Rua Barão de Ubá, às 13h, e da lá furtou dinheiro e objeto no valor de 400\$000” (Westin, 2015).

Figura 1 – Reportagem do Jornal *A noite* relatando crime infantil



Fonte: Westin, 2015.

É através da perspectiva do interlocutor que se questiona sobre a maturidade daquele infrator, pois, segundo Sertório, tal crime é resultado dos desatinos da idade, nos levando a pensar sobre a instabilidade de um sujeito que não possui autocontrole, o qual

¹⁰ O Jornal *Bom Dia*, Rio noticiava em 2019 a superlotação do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (Degase-RJ), órgão responsável pela ressocialização de jovens infratores. A reportagem anunciava “Superlotação do Degase é tema de debate no Rio. Unidades do sistema socioeducativo acolhem o dobro da capacidade de adolescentes infratores” (G1, 2019).

entendemos ser tanto por questões educacionais quanto por questões emocionais, no que tange ao ensinamento de valores morais, entre o que se compreende como certo e errado e também a falta de consciência e domínio dos desejos mais sombrios do ser humano.

No desenrolar da crônica o narrador e o interlocutor vão conhecer o local do crime. O bairro é descrito como sujo, com casas amontoadas, exalando fedor, lugar onde abrigava um passado lúgubre, pois já foi locação de cemitérios e lar de pessoas escravizadas. A cena é descrita com certo suspense, o narrador chega a detalhar que as moradias dão “uma impressão de susto” (Rio, 2009, p. 31).

O bairro onde o assassinato é natural abraça a Rua da Saúde, com todos os becos, vielas e pequenos cais que dela partem, a Rua da Harmonia, a do Propósito, a do Conselheiro Zacharias, que são paralelas à da Gamboa, a do Santo Cristo, a do Livramento e a atual Rua do Acre. Naturalmente as ruas que as limitam ou que nelas terminam – São Jorge, Conceição, Costa, Senador Pompeu, América, Vidal Negreiros e Praia do Saco – participam do estado de alma dominante.

Toda essa parte da cidade, uma das mais antigas, ainda cheia de recordações coloniais tem, a cada passo, um traço de história lúgubre (Rio, 2009, p. 30).

Quanto mais os personagens adentravam no bairro, mais pesada ficava a atmosfera ao ponto de o narrador começar a sentir-se mal: “Eu sentia acentuar-se um mal-estar bizarro” (Rio, 2009, p. 21). A passagem dos dois chamava atenção da população local, que os acompanhava com os olhos, os quais são descritos com tom de ironia. O que nos leva a pensar que esses olhos julgavam a passagem dos dois “estrangeiros” naquela zona da cidade.

A jornada dos personagens se assemelhava a um safári e a reação dos moradores do bairro Saúde, local do crime, nos leva a crer que esse tipo de passeio era comum. Assim como hoje ainda é rotineiro, visto que existe um segmento turístico no Rio de Janeiro que faz visitas acompanhadas a comunidades onde facções criminosas são alocadas.¹¹

O narrador expressa claramente seu preconceito com essas pessoas ao chamá-los de “turba estranha”. Essa “turba” é composta basicamente por homens negros, alguns bêbados outros caracterizados como fortes. O racismo é exposto no uso dos adjetivos, tais como negralhão e mulato. No que tange a palavra mulato,¹² ela é usada para caracterizar

¹¹ É possível encontrar passeios guiados pelas empresas Favela Tour e Nattrip para as favelas da Rocinha e do Vidigal em buscadores de internet.

¹² A palavra “mulato” era empregada para definir pessoas que não eram consideradas nem negras nem brancas, sendo empregada de forma pejorativa. “O termo possui uma origem controversa. No âmbito

um jovem que é descrito como um peixe gorduroso (arenque asalmonado) que “cospe” as palavras em inglês. A descrição desse rapaz é carregada de preconceito, essa associação à gordura e também a maneira com a qual ele se expressa em inglês, “cuspinha”, traz para esse sujeito uma forte carga imagética que o constrói como um sujeito sujo.

Uns cantam, outros rouquejam insultos. Sertório aproxima-se de um grupo. Há um mulato de tamancos, que parecem arenque ensalmonado, no meio da roda. Omulato cuspinha:

– *Go on, go on... já, farewell!* já!

É brasileiro. Está aprendendo todas essas línguas estrangeiras com os práticos ingleses (Rio, 2009, p. 31-32).

A crônica é finalizada com uma espécie de quebra de perspectiva, pois o narrador foi ao bairro rubro para ver os meninos que matam, mas encontra um grupo de rapazes em roda contando histórias. Essa cena traz uma espécie de alívio para o personagem que narra; ele chega a expressar “surpresa” ao dizer que se sentia emocionado diante da bondade inesperada que emergia da maldade. Contudo, a crônica deixa claro que aqueles sujeitos ainda eram vistos como criminosos. Aqui, destacamos mais uma vez a dualidade humana que João do Rio expõe.

Era um pequeno, franzino, magro, com uma estranha luz nos olhos. Talvez matasse amanhã, talvez roubasse! Estava ingenuamente contando histórias... Sertório insistia, entretanto, para ouvi-lo. Ele não se fez de rogado. Tossiu, pôs as mãos nos joelhos...

– Era um dia, uma princesa, que tinha uma estrela de brilhantes na testa...

A roda caíra de novo num silêncio atento. A escuridão parecia aumentar, e, involuntariamente, eu e o meu amigo sentimos n’alma a emoção inenarrável que a bondade do que julgamos mau sempre nos causa... (Rio, 2009, p. 33).

Em suma, *As crianças que matam...* nos parece uma tentativa de desconstruir um estereótipo baseado em preconceitos enraizados que são ressaltados quando se tentou implantar a modernidade no Rio de Janeiro. Entretanto, essa tentativa se mostra falha na crônica, pois a todo o momento o narrador expressa esse preconceito em suas ações, como a forma como caracteriza os jovens do local. Ao final da crônica, ele compreende que não existem sujeitos uníssonos, que todos são indivíduos múltiplos, nos quais um dia contam histórias e no outro matam e roubam. Essa dualidade pode ser vista na combinação de

linguístico é relacionado à derivação latina de *mulus*, o animal resultante da mistura dos asnos e da égua, e o caráter híbrido do animal foi associado a ‘mestiço’, pessoa com ascendentes negros e brancos” (Negreiros, 2019, p. 49).

palavras bondade e mau, que são antagônicas no senso comum, mas coexistem no mesmo indivíduo.

Contudo, esse julgamento levemente ponderador visto em *As crianças que matam...* é dificilmente visto em *Os que começam...* O narrador se apresenta muito mais crítico e indiferente à situação das crianças que são ensinadas a enganar e a mendigar para sobreviver. Não há aquela curiosidade, muito menos preocupação com a infância urbana que vemos na última crônica analisada. O que predomina em *Os que começam...* são qualificativos duros, por vezes debochados, em torno dessas crianças.

Na crônica *Os que começam...* é possível ver outra dinâmica no que tange à opinião do narrador. Diferente das demais analisadas, as quais se iniciam com um diálogo que se desenvolvem em contrapontos, nessa crônica vemos já no início a opinião do narrador expressando uma falsa comoção diante da situação dessas crianças. Ao dizer “falsa”, nos referimos à contradição gerada diante dos duros qualificativos que esse narrador dá a esses sujeitos.

Não há decerto exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens e mulheres ainda pantominam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais, por criaturas indignas, e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra (Rio, 2012, p. 165).

No trecho acima, o personagem já deixa claro o tema em questão: a exploração infantil. Essa opinião condena pais e mães que mandam as crianças às ruas em busca do sustento das famílias. Segundo ele, as crianças são ensinadas a praticar ações indecorosas e crescem com essas lições, sendo moldadas para o crime e para a mendicância; em suma, se “formam” em aproveitadores e enganadores.

O curioso desse trecho são as palavras que o narrador escolhe para descrever a corrupção dessas crianças. São palavras que dão a ideia da modulação, tais como “curvilínea”, que traz a imagem tanto da construção de uma forma quanto de uma curva. Nesse sentido entendemos que a “curva” está sendo empregada como uma metáfora para deformação da moral estabelecida, isto é, uma curva nos valores vigentes.

Após responsabilizar os adultos pela exploração e formação desses sujeitos, o narrador questiona se essas crianças possuem noção dos próprios atos. “Essa criança parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala” (Rio, 2012, p. 164). Através do uso do verbo “parecer”,

ele deixa flutuante, a princípio, o nível de consciência desses indivíduos. Entretanto, no mesmo parágrafo ele desfaz essa incerteza ao afirmar que esses meninos e meninas mentem negando as ações e quando não convencem as autoridades, apelam emotivamente dizendo que são o sustento da própria família.

Apesar de responsabilizar os adultos, a crônica não exime de maneira nenhuma a culpabilidade dos petizes. Sim, os pais são descritos como exploradores, mas essas crianças são imputáveis. O julgamento do narrador no que tange à vida desses meninos e meninas é claro e comprovado por meio das palavras com quais ele os qualifica: punhuistas¹³, vagabundos, bandidos e prostitutas. São os futuros criminosos que irão “obumbrar”¹⁴ as galerias de Detenção.

Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punhuistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas, simples vagabundos à espera de complacências escabrosas, um mundo vário, o olhar de crime, o broto das árvores que irão obumbrar as galerias da detenção, todo um exército de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade à cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a princípio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma súcia de criminosos que a polícia não persegue. (Rio, 2012, p. 164).

Essa narração é desprovida de qualquer relatividade, não há contrapontos que ponderem as ações. A opinião daquele que conta essas histórias é incisiva, dura e julgadora. Por mais que ele use termos que façam alusão a uma vulnerabilidade, tais são subitamente refutados com descrições detalhadas que avaliam negativamente a vida dessas crianças. Tal recurso pode ser visto mais explicitamente na descrição física e psicológica do primeiro grupo abordado.

Outra questão diferente de *Os que começam...* é a caracterização física e psicológica desses sujeitos. Conhecemos Francisco, um rapaz descrito como um sujeito bárbaro, bruto que usa óculos e é míope. Há uma fraqueza presente na visão do menino ao mesmo tempo em que há uma força corporal. Francisco já foi preso algumas vezes por delitos e é considerado pela polícia como inútil. O próprio garoto relata praticar tais ações para não morrer de fome. A inutilidade de encarcerar Francisco tem a ver como a

¹³ Batedores de carteira.

¹⁴ Cobrir de sombras.

descrença de uma mudança de vida. Para a polícia, pegá-lo não resolveria o problema. Muito menos para nosso narrador, pois Francisco é descrito como “antigo peralta da Saúde” (Rio, 2012, p. 165).

Apesar de o narrador individualizar outros meninos tecendo duras críticas, é com as moças que seu olhar julgador fica mais pesado. Elas são caracterizadas como “[...] cínicas de face terrosa às ingênuas e lindas” (Rio, 2012, p. 167). O narrador, que é um homem adulto, descreve uma menina de treze anos com uma “perigosa viveza no olhar”. Nicota, a menina em questão, é explorada pelo padrasto que a “indústria” (Rio, 2012, p. 168), em outras palavras, usa seu corpo como meio de conseguir dinheiro. O narrador diz com todas as letras que a exploração infantil ensina as meninas a se prostituírem (Rio, 2012, p. 166) e acrescenta que, desses casos, existem aos muitos, pois a “série de meninas é enorme” (Rio, 2012, p. 167).

Nicota, moradora no Pedregulho, tem treze anos e perigosa viveza de olhar. A puberdade, a languidez dos membros rijos dão-lhe receitas grandes. É mandada pelo padrasto, um português chamado Jerônimo, que a industria. Explora a miséria no jardim de Eros, fazendo tudo quanto a não prejudica definitivamente, à porta dos quartéis, pelos bairros comerciais, ao escurecer (Rio, 2012, p. 167).

Em *Os que começam...* vemos uma sociedade que tapa os olhos para uma população mutilada, abandonada e necessitada. Uma sociedade que é representada por um narrador que tece duros adjetivos, desqualifica e reforça estereótipos. Que condena formas alternativas de sobrevivência, mas não se preocupa em resolver de fato a questão. Que considera a vida desses sujeitos um desconforto e um empecilho para a implantação de um modelo de vida, mais moderno, ao mesmo tempo em que considera uma inutilidade a resolução dos problemas e o auxílio aos necessitados. Em suma, as vidas desses sujeitos não deveriam existir, pois eram consideradas uma desordem social.

A seleção dessas duas crônicas finais nos mostra tipos do “horror da infância carioca”. Lidas em conjunto com as demais nos fazem refletir como a modernização dos costumes da cidade do Rio de Janeiro não foi benéfica para a população pobre – muito pelo contrário, meninos e meninas perderam o direito de serem crianças, se é que algum dia o tiveram, perderam a experiência da infância e a possibilidade de participarem da cidade como cidadãos pertencentes a ela. O que lhes restou foi ir às ruas buscar as mais diversas formas para sobreviver. Eles foram submetidos a extenuantes jornadas de

trabalho, à exploração, aos maus-tratos, à violência e ao julgamento de uma sociedade que com nada se importou em fazer para ajudá-los a ter uma vida mais digna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de todas as crônicas em questão nos faz refletir sobre a diversidade presente na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, inclusive dentro da miséria e da exploração. Uma diversidade que se fazia presente na infância e que sofria ataques que buscavam o apagamento dessas culturas tidas como destoante daquilo que se tentava implementar.

Essas crianças formavam de fato um caleidoscópio torturante (Rio, 2012, p. 167), no qual mergulhamos junto com o narrador e conhecemos outras perspectivas e camadas da pobreza. O uso do termo caleidoscópio é empregado, em *Os que começam...*, como uma metáfora para essa observação múltipla e dinâmica, afinal, caleidoscópio refere-se a um aparelho ótico para obtenção de imagens através de espelhos que são inclinados em determinados ângulos que, ao ser movimentado em rotação, produz diversas combinações imagéticas.

É justamente o caso dessas crianças que, dependendo de onde e como são observadas, ganham diversas nuances: ora mais responsáveis, ora menos conscientes dos próprios atos; ora mais exploradas, ora mais aproveitadoras; ora apresentadas como crianças, ora imputadas como adultos.

João do Rio, ao apresentar esse caleidoscópio torturante, nos convida a pensar sobre a permanência dos mesmos preconceitos, do mesmo descaso, da mesma atitude de fechar os olhos para não ver. A atualidade da questão infantil na obra de João do Rio se torna mais explícita quando abrimos os jornais de hoje e nos deparamos com notícias que poderiam ser de cento e trinta anos atrás.

O vento fustigava-lhes as carnes seminuas e eles, agarrados uns aos outros, na fraternidade do sofrimento, sem pai, sem mãe, sem amparo, erguiam os olhos para o céu numa angustiosa súplica. (Rio, 2012, p. 168).

Eu fui para as ruas da cidade pensando que eu ia ter mais liberdade. Olha, gente, eu vou pela vida. E na cidade, tem gente que olha e vira a cara como se

fosse bicho, jogado nas estradas e pensa que é ladrão. Mas somos gente (Boeckel *et al.*, 2023).¹⁵

Se nos fosse permitido fazer uma releitura atual das crônicas, *Pequenas Profissões* contaria a história de vendedores de doces nos semáforos cujos carros são mantidos com os vidros fechados, cujos motoristas, ao mínimo sinal verde, aceleram os veículos, levando embora suas mercadorias. *Orações* narraria a história dos vendedores ambulantes dos transportes públicos que atestam e juram a qualidade do mais recente fone de ouvido que custa míseros cinco reais. *Os que começam...* seriam as crianças que ficam à porta dos mercados ou das igrejas juntos de seus genitores suplicando por atenção ou por um pedaço de pão. *As crianças que matam...* poderiam ser qualquer criança suja, negra, com vestes em trapos e um chinelo desgastado que vaga pelas ruas da Cidade Maravilhosa em busca da primeira oportunidade de não morrer de fome, na mão da polícia ou do fruto do descaso humano.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 188p. (Trad. de Henrique Burigo. Título original: *Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*), 2005 [1978].

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. *In: História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v. 3. cap. 3, p. 165-170.

ÁRTICO, Durval. A criança na literatura francesa e na brasileira. *Travessia*, Santa Catarina, p. 114-123. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/17459/16030>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

AZEVEDO, André Nunes de. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: o progresso sob égide da civilização e a civilização sob a égide do progresso. *In: AZEVEDO, André. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e os ideais de civilização e progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

¹⁵ O texto faz parte de diversos relatos de sobreviventes à chacina da Candelária que aconteceu 23 de julho de 1993. São cartas disponibilizadas pela voluntária Yvonne Bezerra de Mello, que fazia um trabalho de educação e de integração com as crianças que viviam nas calçadas da igreja. Os relatos foram publicados no jornal *O Globo* trinta anos após o ocorrido. A tragédia consistiu na ação de criminosos que chegaram ao grupo na região da Candelária e armaram fogo em direção a mais ou menos quarenta pessoas. Oito crianças morreram (BOECKEL *et al.*, 2023).

AZEVEDO, André Nunes de. A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora. *Tempos Históricos*, Paraná, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 151–183, 2016.

BOECKEL, Cristina, *et.al.* Veja trechos das cartas escritas por sobreviventes da Chacina da Candelária: “eu namoro a vida, mas a morte me paquera”. *GI*, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/07/23/veja-trechos-das-cartas-escritas-por-sobreviventes-da-chacina-da-candelaria-eu-namoro-a-vida-mas-a-morte-me-paquera.ghtml>>. Acesso em 30 ago. 2023.

BRASIL. *Decreto N° 847, de 11 de outubro de 1890*. Promulga o Código Penal. Brasília: Casa Civil, 1890. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm>. Acesso em 10 jun. 2023.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Imaginários urbanos*. Buenos Aires: Eudeba, 1997.

CONSTRUÇÃO histórica do Estatuto. *TJSC*. Santa Catarina: Poder Judiciário de Santa Catarina. Disponível em: <<https://www.tjsc.jus.br/web/infancia-e-juventude/coordenadoria-estadual-da-infancia-e-da-juventude/campanhas/eca-30-anos/construcao-historica-do-estatuto#:~:text=Como%20era%20a%20situa%C3%A7%C3%A3o%20jur%C3%ADica,conhecido%20como%20C%C3%B3digo%20Mello%20Mattos.>>>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FABRIS, Annateresa. O espelho da avenida. In: FABRIS, Annateresa. *Fragmentos urbanos. Representações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

GÊNESIS. In: *Bíblia Sagrada*. Tradução de International Bible Society. 3ª edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

JULES Vallès. Nyrb. *New York Review Books*, 2023. Disponível em: <<https://www.nyrb.com/collections/jules-valles>>. Acesso em: 7 ago. 2023.

MOLINA, Fabio Silveira. A produção da “Paris dos trópicos” e os megaeventos no Rio de Janeiro no início do século XX. *Finisterra*, [S. l.], v. 51, n. 102, 2016. DOI: 10.18055/Finis3816. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/3816>>. Acesso em: 7 abr. 2024.

NEGREIROS, Carmem. *Lima Barreto em quatro tempos*. Belo Horizonte, MG: Relicário, 2019.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Edição Especial, 2012.

RIO, João do. *Cinematógrafo: crônicas cariocas*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

RIO, João do. *Vida Vertiginosa*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2006.

SIMAS, Daniele. *O desmonte do Morro do Castelo*. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo>>. Acesso em 10 dez. 2023.

SUPERLOTAÇÃO do Degase é tema de debate no Rio. *GI*, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/08/superlotacao-do-degase-e-tema-de-debate-no-rio.ghtml>>. Acesso em 15 ago. 2023.

VELLOSO, Monica Pimenta. Introdução - O olhar inquieto dos caricaturistas. In: VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora KBR, 2015.

VINÍCIUS. Gnomos. *Monolito Nimbus*. 2021 Disponível em: <<https://www.t.ly/IF5xl>>. Acesso em 15 ago. 2023.

WESTIN, Ricardo. *Crianças iam para a cadeia no Brasil até a década de 1920*. Brasília: Senado Notícias, 2015. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2015/07/07/criancas-iam-para-a-cadeia-no-brasil-ate-a-decada-de-1920>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Recebido em: 27/06/2024

Aceito em: 03/02/2025

Karen de Oliveira Miranda Onofre: é formada em Português e Italiano (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem certificado internacional em Espanhol pelo Servicio Internacional de Evaluación de la Lengua Española (SIELE) e é mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, também pela UERJ. Atualmente, está cursando pós-graduação em Ensino de Língua Espanhola. Além disso, é tradutora, com mais de cinco obras traduzidas.